

## ENTREVISTA

### DESVELANDO AS FISSURAS DA SUA MILITÂNCIA

Entrevistada Travesti Profa Dra Amara Moira  
Entrevista concedida a Pollyanna Araújo Carvalho<sup>1</sup> e  
Fabiane Fernandes Guimarães<sup>2</sup>



Travesti, feminista, bissexual, revolucionária, tradutora, prostituta, escritora, militante, doutora em Teoria e História Literária pela UNICAMP, Amara Moira transpassa em suas narrativas o enfrentamento sob as imposições e máscaras prescritas por instituições e constructos sociais arraigados. Com um vasto conhecimento em literatura e interesses intelectuais múltiplos, perpassando o estudo das indeterminações de sentido no "Ulysses" de James Joyce, literatura ibérica medieval à poesia contemporânea, são nas literaturas

---

1 Mestranda em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Endereço eletrônico: pollyannacarvalho1@hotmail.com.

2 Mestranda em Crítica Cultural na Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Endereço eletrônico: fabianeguimmaraes@gmail.com.

ditas eróticas, estudos da tradução, feminismo e autobiografias trans que a autora desvela suas principais ponderações sociopolíticas. É importante que pessoas como Amara contem suas histórias e comecem a expandir nossa percepção de atos de revolução e resistência nos diversos meios – fora e dentro dos muros da academia – bem como as dissidências de gênero, identidade e sexualidade.

**Guimarães:** Como se deu a escolha de seu nome social, Amara Moira?

**Moira:** Moiras são as tecelãs do destino dos seres humanos na Grécia Antiga e Moira, no singular, é a personificação do destino. "Amara" por sua vez é uma palavra mais erudita, latinizada para "amarga", e então é como se esse composto sonoro, de cara alegre significasse "destino amargo", nome bastante apropriado para uma travesti. Pensei outros também, Melyssa por exemplo, mas Amara Moira (expressão que encontrei numa tradução da "Odisseia" de Homero, minha maneira de brincar de James Joyce) meio que me escolheu, seja por esse sentido apresentado acima, seja por parecer continuação dos próprios jogos que eu já fazia com o nome do falecido, Omar Moreira, humoromar, amaromar, Amara Moira. Soma-se a isso uma palavra parecida, "moria", que encontrei lendo dicionários e cujo significado me diverte horrores: '1. loucura, 2. propensão doentia a caçar dos outros'.

**Guimarães:** O discurso biológico, por anos, e até hoje, é utilizado para reforçar a superioridade dos brancos sobre os negros. Agora, o mesmo parece atuar de forma similar para justificar o porquê de mulheres Trans "não serem mulheres", a exemplo da jogadora Tiffany que hoje compõe a equipe feminina do Vôlei Bauru e enfrenta "achismos", leia-se preconceitos, que induzem a sua não "mulheridade" em vista de seu nascimento e desenvolvimento biológico masculino até

certa idade. De que forma você percebe essa situação e como pensa poder revertê-la ou contrapô-la?

**Moira:** A princípio a participação de mulheres nos esportes de alto rendimento era proibida, pois imaginava-se que isso virilizaria os seus corpos. Nisso, é como se dissessem que músculo é coisa de homem, assim como dizem dos pêlos, do cabelo curto, das roupas largas, unhas curtas etc, nunca de mulher, ainda que ambos os corpos sejam capazes de ostentar esses atributos. Pessoas negras também tiveram que lutar para serem aceitas no esporte e a história do futebol brasileiro mostra isso de maneira explícita. Essas violências cometidas desde os começos do esporte de alto rendimento já deviam nos deixar de sobreaviso ante a possibilidade de estarmos repetindo os mesmos erros, mas no caso das mulheres trans as pessoas insistem em enxergar a questão apenas por lentes enviesadas: o preconceito molda seus olhares e nem se dão conta das limitações que essa moldura impõe. Ela não é a mais alta da Superliga feminina, não é a que pula mais alto, já surgiram inúmeras atletas defendendo que há mulheres que batem tão forte quanto ela, ela não é a melhor em índices de aproveitamento... onde então estaria a suposta vantagem que ela leva? Uma análise empírica não é capaz de revelar vantagem, ao contrário, coloca todos os quesitos dela no limiar do possível para uma modalidade feminina, então as pessoas se apegam ao fato de ela marcar muitos pontos e de ter o recorde de pontos numa única partida junto com a Tandara (dado que mais esconde que revela, basta considerar que a equipe das duas recordistas perdeu as partidas em que elas atingiram o recorde) para dizer que ela leva vantagem, ignorando o número absurdo de bolas que ela recebe ao longo da partida e o fato do Bauru jogar em função dela. O que isso escancara é que querem encontrar desculpas para impedir que nossos corpos possam se fazer presentes nesses espaços, espaços que não foram pensados para nós, que nunca levaram nossos corpos em

consideração... pois bem, já não é mais possível ignorar nossa existência e esses espaços terão que se transformar para que possamos caber neles, para que eles se tornem nossos também.

**Carvalho:** Seus textos são marcados por um forte senso político, social e econômico. De que maneira você acredita que seus escritos colaboram na sua militância em particular e na das outras pessoas com o mesmo engajamento em geral?

**Moira:** Quando comecei a me entender trans, cinco, seis anos atrás, duas militantes despontavam como as pioneiras em conseguir, por meio das redes sociais, estabelecer diálogo com a sociedade, a Travesti Reflexiva (Sofia Favero) e Daniela Andrade. Até aquele ponto, militância se fazia sobretudo por vias institucionais, negociando políticas e subsídios diretamente com o governo, mas a partir dali foi se desenhando a possibilidade de irmos também pra cima da sociedade civil, disputarmos a opinião pública e, por meio desta, conquistarmos espaços de inserção. É muito nítido que a ideia que a sociedade tinha dez anos atrás sobre pessoas trans agora é completamente outra, transformação que se deu muito por conta das nossas narrativas irem transformando aquelas que circulavam a nosso respeito e fazendo as pessoas nos verem por outra perspectiva, mais humana. É assim que vejo a importância dos meus textos e dos textos das pessoas que constroem movimento comigo, textos que vão abrindo brechas nas resistências que a sociedade impôs para pessoas como nós poderem existir.

**Carvalho:** No caso da literatura, de que maneira ela pode impactar na vida em sociedade? Qual o papel que ela pode ter como uma ferramenta de transformação social?

**Moira:** Tenho pavor de concepções de literatura como coisa boazinha ou revolucionária por si só. Basta olharmos o grosso do nosso cânone e veremos o compromisso que ele tem em reproduzir discurso elitista, racista e machista, muitas vezes dando a entender inclusive que isso seria "crítica

social". O que são essas obras senão peças importantíssimas para a perpetuação das opressões que esses discursos engendram? No entanto, é pela palavra também que grupos mantidos à margem vêm encontrando maneira de contestar e desafiar as narrativas que os violentam e é pela palavra que vamos conquistando visibilidade e espaços de atuação. O exemplo das trabalhadoras sexuais é nítido. Desde o começo dos tempos escreve-se sobre o que fazemos, mas só recentemente vamos conseguindo colocar nossas próprias histórias no papel... e se, por um lado, é importante que levemos em consideração o olhar do outro a nosso respeito (até para nos darmos conta dos processos que naturalizamos sem nem perceber), por outro é necessário que tenhamos voz nessa produção de narrativas a respeito do que somos, senão seremos colonizadas por esse olhar que, sim, é revelador, mas que também pode ser fonte de violência. Uma concepção de literatura que, por exemplo, não comporte Carolina Maria de Jesus, de que nos serve essa concepção?

**Carvalho:** Sendo uma doutora em literatura como você percebe a sua resistência diária, bem como as de outras militantes dentro e fora do meio acadêmico na luta para assegurar os direitos universais?

**Moira:** Costumo dizer que a universidade me aceitou trans, mas não militante, pois isso acabou afetando os meus números no quesito produtividade. Não que eu esteja improdutiva desde então, com a publicação de um livro, um capítulo inteiro em outro, artigos em revistas e periódicos importantes para a comunidade acadêmica, mas pouco dessas produções se deu efetivamente nas áreas de concentração do meu doutorado, então é como se eu não fosse mais produtiva como era antes, como fui quando meu projeto passou em primeiro lugar. Curiosamente, no entanto, essas obras todas que produzi constam já da bibliografia básica de diversos cursos de pós e de graduação nas mais prestigiadas universidades brasileiras, sem contar com o fato do "E se eu

fosse puta” estar sendo estudado na Brown University, nos EUA. Mas, de todos os modos, improdutiva. Para a burocracia acadêmica, seria melhor eu cumprir com o protocolo e produzir obras que não seriam lidas sobre obras menos lidas ainda do que dedicar-me a obras vivas, que vão entrar em diálogo com a sociedade e assumir um papel relevante na sua transformação. Pessoa trans que hoje sou, não tenho como esperar trinta anos para poder ser aceita pela sociedade, para poder chamá-la de minha, e por isso não dou mais conta de brincar de produções burocráticas ou só para iniciados... a academia segue resistente a aceitar que pode ser cobrada pelos movimentos sociais, mas logo mais não será possível pensar crítica literária que não seja feminista, anti racista e comprometida com um projeto democrático de sociedade.

**Carvalho:** Como a política marcou sua vida a ponto de se candidatar a um cargo público? Seria uma junção de resistência contra os preconceitos e revolução frente à sociedade patriarcal?

**Moira:** Decidi entrar para a política quando me dei conta que eram pouquíssimos os políticos com que poderíamos contar e que, não havendo lá pessoas que constroem os movimentos sociais ou que dialogassem conosco, seria muito mais fácil para a bancada conservadora articular manobras para cercear nossos direitos. Outro pensamento que me ajudou na decisão foi a possibilidade de ver as demandas desses movimentos ganhando centralidade no processo eleitoral, impactando as urnas, afetando na definição de quem seria eleito... anos atrás seria impensável que a pauta trans ou das trabalhadoras sexuais tivesse qualquer peso nas eleições, mas 2016 mostrou que essas candidaturas já são vistas com outros olhos e que logo mais nos faremos presentes nesses espaços. O interessante é perceber, no entanto, que parte considerável das pessoas que votam em nós e que constroem conosco as campanhas não fazem parte desses grupos, e nisso é como se a sociedade estivesse finalmente se dando

conta de que essas lutas não são só nossas, de que não é só nossa a responsabilidade da transformação.